**MARICOTA**

Maricota Antônia Silveira nascida em 16 de junho de 1934 em Diamantina, MG. Orgulha-se de ter nascido lá e narra, sempre que pode, o seu encontro com Juscelino.

Cresceu feliz, foi à escola terminando a 4ª série. Aprendeu na escola e fora dela. Saiu de Diamantina aos 18 anos para visitar parentes, conhecer novas terras. Pouco depois conheceu Dorival e daí foi um passo para o casamento aos 20 (1954) anos. Morava em Belo Horizonte. Casada, logo chegou Eleonora (1955). Dorival era um advogado recém formado e se interessava por causas sociais e também apreciava uma boa discussão política. Gostaria de se tornar vereador em algum momento da vida. Envolveu-se em movimentos políticos, organizou algumas manifestações e de repente se tornou um preso político. Foi um desconsolo geral. Com o coração aumentado e fraco devido à convivência frequente com barbeiros infectados contraiu a doença de Chagas. Com a prisão e o descaso com os presos políticos que não tinham assistência médica, Dorival foi hospitalizado após um infarto e mal resistiu um par de meses. (1968). Maricota ficou inconsolável. Tinha Eleonora para cuidar e não sabia muito o que fazer. Prometeu a si mesma que iria dar um jeito na vida. Anos difíceis mas com certa prosperidade, permitiu a ela arranjar um emprego em um armazém. Boa de contas, logo passou a resolver a contabilidade da loja. Não ganhava muito, mas nada lhe faltava. O bom movimento do armazém a mantinha sempre ocupada e sempre conhecia pessoas novas. Um dia conheceu Américo e se encantou com ele. Foi mútuo o sentimento. Após alguns anos, com Eleonora já próxima dos 18 anos (dez 1972) resolveu se casar com Américo. Tiveram um bom casamento, tentaram ter filhos, mas depois de 2 gestações com problemas, não foi possível tentar novamente.

Maricota ficou viúva há 12 anos de Américo. Ao longo dos anos ganhou um tanto de peso, comeu muita banha de porco, carne de porco, torresmo, fumou um tanto de cigarro de palha. Ia ao médico vez por outra e recebia conselhos de que deveria se cuidar mais, comer menos gordura, tomar medicamentos, pois estava hipertensa e dislipidêmica. Já tinha mais de 70 anos, estava viúva, mas sempre teve um jeito alegre e achava muito estranho este negócio de ter que tomar remédios para isto e para aquilo: não se sentia doente. Aí foi que um dia passou muito mal, sentiu fraqueza, tontura e parecia difícil falar, quase morreu. Foi parar no hospital e ficou “uma eternidade”. Foi um AVC isquêmico, ou seja, um derrame cerebral. Tinha seus 73 anos (2007). O médico lhe disse que pode ser devido a pressão alta, colesterol alto, além da idade e outros fatores. Foi morar com a filha Eleonora.

Ref <http://emedicine.medscape.com/article/1916852-overview>

Hoje sua lista de medicamentos envolve muitos medicamentos. Sozinha não consegue se organizar. Conta com ajuda do pessoal do Programa de Saúde da Família e do Hospital. Sua família ajuda como pode.